

MARCELA ROCHA MENDES

**GUERRA DO CONTESTADO: A HISTÓRIA QUE OS JORNAIS
CONTARAM E A HISTÓRIA QUE CONHECEMOS HOJE**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso IV como requisito parcial à conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Luiz Paulo Maia.

CURITIBA

2004

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCELA ROCHA MENDES

GUERRA DO CONTESTADO: A HISTÓRIA QUE OS JORNAIS
CONTARAM E A HISTÓRIA QUE CONHECEMOS HOJE

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:
Prof. Luiz Paulo Maia

.....
Prof.

.....
Prof.

Curitiba, 09 de dezembro de 2004

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui, meus pais, minhas irmãs, meu namorado, meus avós, minha tia, meus amigos, Deus, meus mestres, minhas cachorrinhas e outros que deixo de fora, mas que nunca esquecerei.

Agradeço especialmente ao Juliano por ter me ajudado tanto, ao Lupa e àqueles que se colocaram ao meu dispor.

SUMÁRIO

TERMO DE APROVAÇÃO	ii
DEDICATÓRIA	iii
SUMÁRIO	iv/v
RESUMO	vi
1. INTRODUÇÃO	01
2. IMPRENSA, JORNALISMO E ÉTICA	03
2.1 A imprensa e o poder.....	03
2.2 O jornalismo brasileiro.....	05
2.3 Análise do discurso e ética lingüística.....	07
3. CONTEXTUALIZAÇÃO	09
3.1 O Brasil no início do século.....	09
3.2 Por que Contestado? A questão de limites.....	10
3.3 Quem são e por que se envolveram?.....	11
3.4 A união cabocla.....	13
4. GUERRA DO CONTESTADO: A HISTÓRIA BREVE	15
5. O EPISÓDIO ESCOLHIDO: COMO NARRAM OS JORNAIS	18
5.1 O “Diario da Tarde”.....	19
5.2 “A Republica”.....	26
5.3 Observação da autora Marli Auras.....	31
6. INTERPRETAÇÕES, MEIAS VERDADES E INVERDADES	32
6.1 As denominações.....	32
6.1.1 O grupo.....	33
6.1.2 O monge.....	34
6.1.3 O coronel.....	35
6.2 A presunção da intenção.....	37
6.3 Informações equivocadas sobre a batalha.....	39
7. CONCLUSÃO	42
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
9. ANEXOS	47

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as diferenças entre os discursos dos jornais impressos do período contemporâneo a Guerra do Contestado e o discurso aceito atualmente por historiadores como a verdadeira história desta guerra. Para tanto, ele foi dividido em cinco capítulos. O primeiro traz os conceitos gerais básicos para a compreensão de um trabalho em Comunicação Social com ênfase em jornalismo. Esses conceitos são a imprensa e sua relação com o poder, o jornalismo praticado no Brasil e a análise do discurso junto com a ética na linguagem. No segundo capítulo é feita uma contextualização para melhor conhecermos a situação do Brasil, da região e dos habitantes do Contestado. Em seguida é discorrida a história da Guerra do Contestado em resumo, apenas para o leitor ter uma noção geral do evento que estamos analisando. No próximo item são levantadas todas as informações passadas pelos jornais que serão analisados dentro do período pré-determinado e justificado. E, por último, a análise em si das diferenças dos discursos citados anteriormente. Na conclusão será feita uma comparação do que aconteceu no Contestado com eventos mais recentes da história brasileira e mundial e o leitor poderá concluir que a imprensa não mudou muito.

Palavras-chave: Contestado, Imprensa e Poder, Análise de Cobertura

INTRODUÇÃO

Quando o jornalista cumpre uma pauta cotidiana, trata-se de um trabalho simples que deve ser concluído e pode vir a ser esquecido. Para aquele profissional, é difícil cobrir tudo que é demandado com a mesma paixão e empenho. Prazos curtos e limitações editoriais são alguns dos maiores inimigos do jornalista de veículo diário, somados ao preconceito natural do ser humano e a freqüente falta de informações. O resultado é um trabalho de mau jornalismo.

Episódios da nossa história recente foram pontuados pelo trabalho de jornalistas. Quando esse trabalho não foi bem executado, muitas vezes tínhamos a grande sorte de haver outros profissionais mais especializados para corrigir equívocos e reescrever a história com uma maior proximidade da realidade. Mas alguns eventos não tiveram essa sorte. Episódios pequenos e tomados como insignificantes ficaram marcados pela má cobertura da imprensa, e talvez nunca saberemos o que realmente aconteceu.

Esse trabalho vai analisar a cobertura da imprensa em um episódio específico da nossa história: a batalha do Irani, na Guerra do Contestado. Essa batalha aconteceu no início desta guerra, quando os personagens ainda estavam sendo apresentados ao grande público. E este é o motivo da escolha deste recorte, além do fator limitador que é o tempo, que me impede de fazer uma análise completa de toda a guerra.

Nas próximas páginas, o leitor vai conhecer algumas noções gerais de conceitos básicos para a compreensão deste trabalho. Depois ele será situado no tempo e no espaço em 1912 na região do Contestado. Só então será contada a

história da guerra, mostrado o episódio pela ótica da imprensa e por último a análise em si.

Ao final, o leitor também chegará a conclusão de como uma cobertura parcial pode mudar completamente uma história. Comparando este episódio com outros mais recentes, entendemos um pouco melhor como a má cobertura jornalística pode prejudicar o nosso conhecimento de mundo.

A Guerra do Contestado foi bastante estudada e hoje é encontrada em vários livros. Um evento que foi vítima do jornalismo parcial e dependente, hoje tem uma vasta bibliografia de historiadores e interessados em descobrir a verdade por trás das manchetes e do relato oficial. Graças a esses autores e estudiosos foi possível a realização desta monografia, que não tem a pretensão de decidir quem está certo ou errado, mas apenas comparar o trabalho dos jornalistas e informantes que se diziam presentes no foco das ações – ou pelo menos contemporâneos ao foco das ações – e o resultado de mais de 50 anos de estudos e análises, que, felizmente, serão os que deixarão marcas em nossa história.

2. IMPRENSA, JORNALISMO E ÉTICA

Neste capítulo vamos conhecer alguns dos conceitos básicos para a compreensão do assunto que será abordado. Uma consideração importante é ter noção do que é “imprensa” e qual é a sua relação histórica com o poder. Apreciaremos um pouco do conceito de jornalismo brasileiro e quais são as suas raízes, além de noções de análise do discurso e ética da linguagem, fundamentais para entender o objetivo desse trabalho e ter o embasamento de como será feita a análise posterior.

2.1 A IMPRENSA E O PODER

Para entender os conceitos gerais de imprensa e a sua história precisaríamos viajar até o período em que as primeiras mensagens foram gravadas, ainda no Paleolítico. Depois acompanhar a evolução da comunicação, que foi ganhando importância em todas as civilizações (Mesopotâmia, Egito, Índia e China, Grécia, Roma), conhecer como se deu o processo do nascimento da prensa na Idade Média e estudar o papel da imprensa escrita, audiovisual e a recente multimídia ao longo dos séculos.

Estes conceitos não são tão importantes para a compreensão deste trabalho quanto entender qual é a relação histórica da imprensa com o poder. É como essa relação ajudou a escrever passagens da história de forma questionável e que talvez nunca chegaremos a recuperar a verdade, partindo do princípio que existe uma verdade absoluta.

FABIO KONDER COMPARATO¹, no prefácio do Livro “Deus é Inocente, a imprensa não” de Carlos Dornelles, descreve como se dão as relações entre a imprensa e o poder, em especial o poder político:

“Na história política da humanidade, a imprensa surgiu como um meio de controle do poder, mais precisamente como um instrumento de fiscalização e denúncias dos governos, em defesa dos direitos e liberdades individuais.(...)”

No mundo contemporâneo, todavia, a posição do conjunto dos órgãos de comunicação social (...) mudou significativamente. Em todos os países, operou-se uma nítida cisão entre um macro e um micro-setor de comunicação social. Naquele, salvo raras exceções, os diferentes veículos entraram a fazer parte do esquema de poder político, quer oficialmente como órgão do governo, quer lateralmente, como empresas privadas que se aliam aos governantes, ou exercem uma influência preponderante sobre os Poderes do Estado, notadamente o executivo e o legislativo.

Na verdade, as relações entre esse macro-setor privado de comunicação de massa e os poderes estatais não são de direção única. É um engano imaginar, por exemplo, que os controladores das empresas mercantis de imprensa, rádio e televisão buscam exclusivamente o lucro como seu objetivo final. A atração pelo exercício do poder, sobretudo o político, é um dos impulsos mais fortes do ser humano. Os grandes empresários do setor de comunicação, muito mais freqüentemente do que se pensa, contentam-se em ter uma lucratividade medíocre, contanto que a rede de suas empresas tenha condição de exercer uma influência preponderante sobre as decisões governamentais, tanto no plano local, como nacional.

Em contrapartida, apesar das garantias constitucionais de liberdade de expressão, são raras as grandes empresas privadas de comunicação de massa que podem desenvolver sua atividade sem depender minimamente do estado, dispensando a publicidade oficial ou o socorro financeiro em situações de agudo endividamento.

De modo geral, portanto, as relações que se estabelecem entre o macro-setor de comunicação social e o estado, em países capitalistas, são de potência a potência. Os poderes públicos não se dobram sistematicamente às pressões do setor, nem tampouco este se submete, sem condições, às injunções estatais. O que

¹ DORNELES, Carlos. **Deus é Inocente: a imprensa não** / Carlos Dornelles; prefácio Fabio Konder Comparato – São Paulo : Globo, 2003. p.13

existe, antes, nesse complicado jogo de forças é uma “dialética da ambigüidade”, segundo a feliz expressão cunhada nos anos 50 pelo psicólogo Guerreiro Ramos a respeito do relacionamento entre estado e as classes dominantes do Brasil. O poder estatal depende das grandes empresas de comunicação para assentar a sua legitimidade política junto à opinião pública, e essas empresas, por sua vez, dependem do estado para defesa do sistema capitalista, no qual elas se inserem como elemento-chave. A mútua dependência acaba por suscitar, naturalmente, um acordo, visando ao exercício conjunto do poder político, econômico e cultural sobre aquilo que é essencial para ambos os lados. Quem fica fora do acordo é, obviamente, o povo, que no esquema constitucional clássico seria o grande beneficiário do sistema de garantias institucionais a liberdade de comunicação”.

Muitos livros trazem essa temática como assunto principal. Livros de análise e conceituações e até mesmo biografias como “Chatô, O Rei do Brasil”, de Fernando Moraes, e “A Fantástica História do Silvio Santos”, de Arlindo Silva, mostram quem são os personagens centrais na história da relação entre imprensa e poder no Brasil

2.2 O JORNALISMO BRASILEIRO

Existem inúmeros conceitos de o que é jornalismo e diversas possibilidades quanto ao papel profissional dos jornalistas. Os mais comuns são dois exemplos extremamente contraditórios: o jornalismo objetivo e neutro, distanciado passivamente dos eventos que trata; e o jornalismo ativamente comprometido, participativo e socialmente engajado, que promove causas.

Para o primeiro conceito, o jornalista é considerado um agente neutramente distanciado para poder transmitir a informação de forma ética. Nessa prática não é permitido o questionamento justificando que somente através da notificação, haverá formação de vontade democrática (Kunczik, p.98).

O Brasil faz um jornalismo baseado na escola libertária – norte americana. No entanto as condições encontradas aqui, principalmente de infra-estrutura econômica, não permitiram que esse modelo fosse implantado com sucesso. No Brasil o jornalismo surge com atraso em uma sociedade colonizada com métodos muito diferentes da América do Norte (Silva, 1991, p.62).

As relações entre a imprensa e o Estado brasileiros são muito diferentes das americanas, aqui o Estado sempre foi mais forte. O mau funcionamento das instituições públicas faz com que trabalhos de investigação jornalística não sejam levados a sério e acabam não resultando em nada.

Segundo o autor CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA², não existe objetividade no jornalismo brasileiro, a seguir o porquê:

“Mas ainda em parte, e talvez principalmente, a objetividade não existe no jornalismo brasileiro porque a sociedade não passou pelo processo que a engendrou nos EUA no século 19, como muito bem escrevem Michael Shudson e Dan Shiller, entre outros autores que estudaram o fenômeno nos EUA: ‘a objetividade está conectada com a transformação do jornal em mercadoria. O sucesso da penny-press (que institucionalizou a noção de objetividade nos EUA) deriva em grande parte de seu uso notavelmente fluente do idioma e da ideologia dominante entre seu público de comerciantes... Em particular, a crença... de que o conhecimento, como a propriedade, não deviam ser monopolizados para o uso exclusivo de particulares’.

(...) A falta de objetividade também ocorre porque falta nas redações brasileiras, em geral, um tipo de organização interna que facilite e até torne inevitável a adoção do conceito “.

Mas o jornalista, pela natureza da sua profissão, é sempre um dos primeiros a estar no local dos acontecimentos. Com objetividade, imparcialidade, neutralidade ou não, ele decide o que, de uma grande diversidade de fatos, episódios, versões e evidências, deve virar notícia. O profissional faz essas escolhas se não por uma

² SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O Adiantado da Hora**. SP, Summus, 1991. p.62

decisão própria, muitas vezes baseado em instruções pré-concebidas ou mesmo decididas naquele momento por terceiros e/ou superiores. Esse fato reforça a idéia de que o jornalista age como um retratador dos acontecimentos, que, com o passar do tempo, vão se tornar história.

“O jornalista não é um historiador. Fornece, no entanto, subsídios que deverão ser analisados e selecionados para, com eles, serem montados os episódios da história.”³

2.3 ANÁLISE DO DISCURSO E ÉTICA LINGUÍSTICA

Análise do Discurso pode ser considerada como uma proposta alternativa da teoria semântica, é uma teoria da leitura – especial sobre a natureza do sentido. A análise do discurso defende algumas teses com relação ao sentido: o sentido não é universal, não é atemporal, não é convencional, não sinônimo e não é necessariamente expresso em sua totalidade.

Os numerosos elementos do sentido são extraídos e/ou atribuídos ao texto, apesar de não haver suporte verbal explícito para eles, o que pode se chamar implícito. O texto não tem um sentido por si só, ele precisa que o leitor dê um sentido a ele. O sentido é um efeito da enunciação, a ocorrência de material verbal em condições de produção definidas.

Em resumo, análise do discurso consiste em um conjunto de procedimentos cujo objetivo é responder às seguintes perguntas: quem fala? A quem se fala? O que significa o que se fala? Também pode ser considerada uma tarefa da análise do discurso descobrir a inter-relação entre quase-regularidades lingüísticas e quase-

³ BARROZO FILHO, Roberto **Jornalismo sem censura**. PR, Ed. Do Autor, 1998, p. vii.

regularidades exteriores à língua que forem relevantes em relação a um conjunto x de enunciados (POSSENTI, 1990, p.12).

Partindo do pressuposto que a mídia trabalha essencialmente com discursos, é de entendimento que ela, através de seu material, provoca a formulação de sentidos. É um dever de todos, como cidadãos, consumidores (da mídia) e, especificamente, comunicadores questionar em que momentos o discurso apresentado pela mídia, de forma intencional ou não, provoca sentidos não condizentes com a realidade.

Uma forma de a mídia imprimir interpretações encontra-se no simples ato de designação de determinados acontecimentos, dos seus responsáveis, dos atos específicos praticados pelos lados em situação de conflitos, etc

“... É no uso político de nomes e apelidos que consiste o primeiro passo que a mídia dá no sentido de influenciar a opinião pública a favor ou contra personalidades e acontecimentos noticiados.”(RAJAGOPALAN, 2003, p.82)

Tendo em mente esses três conceitos, fundamentais para a compreensão da análise e crítica que será feita da cobertura jornalística da Guerra do Contestado, vamos, no próximo capítulo, fazer a contextualização do país e da região contestada, imprescindível para compreender as razões e circunstâncias que levaram à guerra.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1 O BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO

O Brasil tornou-se uma República Federativa no dia 15 de novembro de 1889, ganhando sua primeira constituição dois anos depois, promulgada em 1891. Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto foram os primeiros presidentes, ambos militares. No ano de 1892 ocorreu a primeira revolta armada no país e no ano seguinte ocorreu a segunda. Em 1893 teve início a Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul, e após um ano, em 1894, Antonio Conselheiro começa a organizar o arraial de Canudos – comunidade do sertão da Bahia.

Durante o período da Guerra do Contestado – 1912 a 1916 – o Brasil teve dois presidentes: Marechal Hermes da Fonseca (1910 -1914) e Wenceslau Brás (1914 -1918). Ambos foram eleitos pelo voto direto.

A economia brasileira durante a Primeira República permaneceu centrada na produção cafeeira – chegando a produzir mais da metade do café consumido no mundo –, mas os processos de modernização e diversificação das atividades econômicas de base começaram a ter avanços. A mão de obra escrava foi definitivamente substituída por trabalhadores livres vindos da Europa. A indústria brasileira estava crescendo com base nos capitais vindos da cafeicultura ou de investimentos estrangeiros e grandes comerciantes locais, como a família Matarazzo.

No início do século, empresas estrangeiras instaladas no país, como a anglo-canadense Light & Power e a norte-americana Bond and Share, ampliavam os serviços de água, luz e transportes nas cidades, trazendo a urbanização, já

conhecida nas nações mais desenvolvidas, para o Brasil. A expansão da rede ferroviária e a melhoria nos serviços portuários e urbanos fortaleceram o mercado interno e abriram caminhos para a instalação de mais indústrias.

3.2 PORQUE “CONTESTADO”? A QUESTÃO DE LIMITES

Toda a questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina – que permeia a Guerra do Contestado e dá o nome à região – começa em 1853. Paranaenses, recém desmembrados da Província de São Paulo procuraram firmar posse no oeste catarinense. Curitiba e Florianópolis iniciam uma série de medidas de ordem de retórica política, acirrando as pendências entre os dois estados.

Em 1881, o governo imperial se interessa pela questão em função da presença de um terceiro reclamante das terras: a Argentina. Somente em 1895 a questão entre os dois países é resolvida, graças ao arbitramento dos Estados Unidos, que deu ganho de causa ao Brasil. A partir de então a disputa entre Paraná e Santa Catarina aumentou.

A Constituição de 1891 passou a assegurar aos estados o direito de decretar impostos sobre exportações de mercadorias provenientes de seu território e também sobre indústrias e profissões. Após inúmeras ações e recursos, em 20 de outubro de 1916, os governadores dos estados – Felipe Schmidt (SC) e Afonso Camargo (PR) – mediados pelo presidente da república, Wenceslau Brás, assinam um acordo estabelecendo os limites conhecidos atualmente e dando fim ao litígio.

A questão de limites não chega a ter um peso grande nas razões que deram causa ao conflito do Contestado. Porém, ela serviu para formar grupos armados, aumentando a circulação de armas na região serrana e a consciência, disseminada

no povo da região, de habitar uma “terra de ninguém” fez com que a violência encontrasse campo favorável para seu exercício.

3.3 QUEM SÃO E PORQUE SE ENVOLVERAM?

Grande parte da população que vivia na região contestada era proveniente do Paraná. Eram pessoas que procuraram as terras devolutas mais distantes com intuito de viver em paz com o mínimo de conforto e segurança.

A situação em que os habitantes da região do Contestado se encontravam naquele período é a grande responsável pela existência do conflito. Um conjunto de fatores e acontecimentos fez com que aqueles indivíduos – ao encontrar uma grande quantidade de outros em iguais condições – se unissem e tomassem medidas extremas. O povo do Contestado era formado basicamente de:

3.3.1 O POBRE TRABALHADOR RURAL

A economia da região por muito tempo foi baseada na criação de gado bovino, coleta de erva mate e extração de madeira. O regime vigente era o coronelismo – na base da ajuda mútua ao governo do estado. Durante um longo período, os agregados e peões podiam servir-se dos ervais sem restrições, mas quando o mate começou a ganhar valor essa prática foi coibida. O quadro social era composto de um número minoritário de pessoas que dispunham de posse legal de terras e um grande grupo de pequenos proprietários ou posseiros. A pobreza era generalizada. A figura do “valentão” era cada vez mais valorizada, tanto para o trabalho em si quanto para a participação nas disputas de terra entre os coronéis.

3.3.2 O DESEMPREGADO DAS GRANDES OBRAS

Em 1890 foi dada a concessão ao engenheiro João Teixeira Soares de construir e posteriormente explorar uma ferrovia entre o interior de São Paulo e o interior do Rio Grande do Sul. O dinheiro era de investidores ingleses e franceses e, conforme a lei da época, Teixeira Soares ganharia terras marginais a ferrovia – 15 quilômetros em cada margem – para serem colonizadas.

Em 1906, o grupo Farquhar – proprietário da Light e Power Company, por exemplo – adquiriu para a Brazil Railway e Co. a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, uma extensão de 6 milhões de acres, com a intenção de desenvolver a agricultura comercial na área e a exportação de madeira.

Cerca de 8 mil homens foram contratados para a construção do trecho que ficava dentro do território contestado. Estima-se que grande parte desses homens tenha vindo do Rio de Janeiro, Santos, Salvador e Recife. Existe uma série de relatos de conflitos armados entre o corpo de segurança da empresa e os trabalhadores, essencialmente pela falta de pagamentos.

“Às vezes, como pretexto à falta de pagamentos, ou como reação aos desmandos dos feitores, houve levantes que exigiram a presença da força pública para apaziguá-los. Era a escola em que se exercitavam futuros cabeças de acontecimentos mais graves”.⁴

Com o término das obras, os trabalhadores não foram reconduzidos a suas origens. Essa massa de desempregados aumentou rapidamente o número de

⁴AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. Florianópolis. Editora da UFSC, 2001.
CARVALHO. Op. Cit. pp. 3-4

moradores locais rompendo bruscamente o equilíbrio social vigente – que já estava sendo abalado pela privatização da terra e pela crise na comercialização do mate.

3.3.3 O POSSEIRO SEM TERRA

Em 1911 a Brazil Railway começa, de forma violenta, a expulsão dos posseiros de suas terras adquiridas por direito. No processo, casas e roças foram incendiadas e até famílias, que se recusavam a abandonar a posse, massacradas. Esses posseiros expulsos passaram a conferir uma massa marginalizada que se encontrava sem condições de nem ao menos produzir material para subsistência.

3.4 A UNIÃO CABOCLA

“Não é difícil perceber, sob tais condições, a importância que passa a ter, para os sertanejos, a presença do monge João Maria que, com o seu falar manso, preenche espaços sociais vazios – a autoridade justa, o médico, o padre, o professor – e anuncia a vinda de novos tempos em que a felicidade, a fartura e a justiça se farão presentes”.⁵

A união dos sertanejos e dos novos e desamparados moradores da região aconteceu graças à presença de algumas figuras. A figura do monge João Maria foi uma peça chave para toda a organização da irmandade cabocla. Chamado pela maioria de São João Maria, ele começou a circular pela região na década de 1850 e,

⁵ AURAS. *loc. cit.*, p. 33.

apesar de hoje ser conhecida a existência de pelo menos dois monges João Maria⁶, para o habitante do planalto só existiu um.

O monge João Maria, com presença marcante entre os sertanejos, aparece em 1890. Nas suas pregações, ele declarava enfaticamente que a monarquia era a “lei de Deus” e a república era a “lei do diabo”. Esse monge foi visto pela última vez em 1906 e não é conhecido o que aconteceu em seus últimos dias.

No segundo semestre de 1912, a questão do Contestado começa a resultar em um descontrolado conflito social. Aquele povo miserável e sem esperança começa a se organizar ao redor da figura do terceiro monge, José Maria, e segue seus passos, com juramento de fidelidade, até o acampamento de Taquaruçu, região de Curitibanos – SC.

A sociedade, representada pelas lideranças locais do Planalto, reage à movimentação dos sertanejos e exige do governo a proteção através de armas legais, pedindo para “liquidar com os perigosos bandidos”.

Diante da ameaça de um conflito, José Maria desfaz o reduto e se retira para o Irani, região de Palmas, território administrado pelo Paraná seguido por vários fiéis. É lá que se dá o primeiro conflito entre caboclos e o exército.

No próximo capítulo veremos como esses fatores levaram à Guerra, conhecendo a história da Guerra do Contestado em versão resumida.

⁶ São conhecidas as existências dois monges João Maria e um José Maria. O primeiro João Maria não chega a influenciar a questão do Contestado, sendo até muitas vezes suprimido da história.

4. GUERRA DO CONTESTADO: A HISTÓRIA BREVE

A história da Guerra do Contestado tem início muito antes do ano 1912, ela começa ainda no século XIX, quando os sertanejos da região, que durante muitos anos vinham sofrendo com diversos tipos de exclusões sociais, começam a ter consciência de sua condição. Como já foi visto, eles passam a ter contato com armas e adquirem prática em seu manuseio. O que faltava para o início da revolta popular era o surgimento de um líder, não só espiritual, mas também ideológico e revolucionário.

No ano de 1912, surge a figura que passaria a ser seguida por aqueles camponeses carentes de terras e recursos para sua subsistência: o monge José Maria, a quem, assim como aos outros dois monges, era atribuída uma aura mística. Com seu carisma e sabedoria – José Maria era um dos únicos da região que sabia ler e escrever – ele arrebanhou em um curto espaço de tempo um grande número de adeptos.

A primeira concentração de seus seguidores aconteceu em Taquaruçu, e causou um conflito com as autoridades locais, os coronéis, que tentaram expulsar os camponeses. De lá, o grupo foi para os Campos do Irani – berço do monge –, dentro da região contestada. Logo foi espalhada a notícia de que terras paranaenses estavam sendo invadidas por revoltosos catarinenses. O governo do Paraná, pressionado pela imprensa⁷ e pelas autoridades privadas da região, enviou o Coronel João Gualberto de Sá com suas tropas para o município de Palmas, onde foi travada a primeira batalha – entre camponeses e exército – da Guerra.

⁷ Jornais “O Diário da Tarde” e “A Republica”

Este primeiro confronto resultou na morte tanto do líder do exército, Coronel João Gualberto, quanto do líder da irmandade cabocla, monge José Maria. Mas a derrota foi do exército paranaense, o que contribuiu para aumentar a fama do monge e trazer mais adeptos, vindos das regiões próximas, para o movimento. O monge ganhou status de santo e, para muitos, ele nunca morreu. A partir desse momento, o grupo começa a ter uma postura pró-monarquia, declarando guerra ao poder constituído.

Os conflitos continuam até o ano de 1916, ora havendo baixas do exército, ora dos caboclos. Durante os quatro anos de guerra o grupo de revoltosos teve várias lideranças, sendo algumas essencialmente bélicas e outras puramente místicas. Foram formadas várias frentes de guerrilhas em sucessivos redutos e cidades santas, prontos para a resistência aos “peludos” – como chamavam os soldados do governo.

Em 1913, o governo enviou diversas expedições oficiais, porém, sem sucesso. A organização cabocla se desenvolvia cada vez mais e os sertanejos passaram a ter uma atitude mais ofensiva. Nesse momento a principal líder do movimento era Maria Rosa, uma jovem de 15 anos intitulada “a Virgem”, que dizia receber ordens de José Maria por sonhos.

Os “peludos” – chamados assim por rasparem a cabeça – em 1914 chegaram a lançar um manifesto no qual proclamaram seu chefe, Manuel Alves de Assunção Rocha, o “imperador constitucional da monarquia sul-brasileira”. Por muito tempo o movimento persistiu na região com ataques a fazendas, vilas e estações ferroviárias, proclamando a guerra santa com um discurso que associava a pobreza e exploração à república.

Cada vez mais acuados pelas tropas federais, o grupo fez seu último reduto, Santa Maria, que chegou a ter uma população estimada de 5 mil pessoas. Esse reduto foi destruído quando o então presidente Wenceslau Brás enviou, em fevereiro de 1915, uma expedição composta de 7 mil homens, comandada pelo General Setembrino de Carvalho.

Até 1916, focos ocasionais de revolta apareciam, mas logo eram liquidados. Neste ano foram encerradas as duas questões do Contestado: a territorial e a bélica-social. O último líder do movimento, Deodato Manuel Ramos foi condenado a 30 anos de prisão, mas foi morto em uma tentativa de fuga⁸.

⁸ Na cidade de Irani (PR) existe o Museu do Contestado, contando toda a história da guerra e de seus envolvidos e mostrando artefatos da época ao visitante.

5. O EPISÓDIO ESCOLHIDO: COMO NARRAM OS JORNAIS

Os jornais escolhidos para a análise são o “Diario da Tarde” e “A Republica”, ambos da cidade de Curitiba, já capital do Paraná na época. O jornal “A Republica” foi fundado pelo Partido Republicano Paranaense em março de 1886. Sua linha editorial apresentava um combate explícito à monarquia e qualquer movimento de índole monárquica. O “Diario da Tarde” foi fundado em março de 1889, por Estácio Correia e, apesar de ter poucos recursos no começo, chegou a ser o jornal de maior circulação no estado, considerando a relação exemplares/número de habitantes. Estes são os dois jornais mais antigos do estado sendo que “A Republica” deixou de circular em 1930, época da revolução, e o “Diario da Tarde” tem tiragem simbólica até hoje.

O momento delimitado para a análise é o início do conflito, no segundo semestre do ano 1912, como foi visto no capítulo anterior. Este é o momento em que os personagens envolvidos na Guerra do Contestado são apresentados, tanto às autoridades quanto à população em geral, através da imprensa. Os dois jornais tiveram uma cobertura bastante parecida dos eventos, diferenciando-se um pouco na linguagem e no espaço dado aos acontecimentos.

Serão analisados os exemplares que dão as primeiras notícias sobre as movimentações na região até o final da operação em Irani, retorno das tropas e funeral do Coronel João Gualberto. Devido à idade avançada dos exemplares, a sua qualidade está bastante comprometida, em alguns trechos é praticamente impossível distinguir o que está escrito, mas ainda assim podemos ter uma idéia geral. Vejamos como foi a narração dos dois periódicos:

5.1 O “DIARIO DA TARDE”

A primeira notícia sobre a questão sai no dia 25 de setembro de 1912, com o título “Um novo Canudos: João Maria revolucionário quer derrubar a República – Os antecedentes do Monge” e ainda em destaque: “Os telegrammas [sic] alarmantes – Coritibanos [sic] ameaçada de ser arrasada – Movimento de tropas do exército”. A matéria conta que João Maria percorria os sertões distribuindo comida e curando moléstias” (Anexo p.51).

Já nessa primeira impressão, o jornal compara José Maria (agora José e não João⁹) a Antonio Conselheiro: “Tal qual como Antonio Conselheiro, de Canudos”¹⁰. A matéria também dá conta de que estava sendo formado um grupo de revolucionários chefiados por José Maria. Todas essas informações foram recebidas através de telegramas vindos do Rio de Janeiro.

No dia seguinte a matéria é semelhante: “Um novo Canudos? Os fanáticos chefiados por João Maria – O movimento alastra-se – A atitude do governo federal – Mobilização de forças do exército – Estão prontos 25 canhões – Os fanáticos armando-se, abandonam as casas e a família”. O texto afirma que o grupo tinha a intenção de restaurar a monarquia e que os acontecimentos são de tamanha gravidade que o governo federal mobilizou tropas para serem enviadas à região. (Anexo p.52)

⁹ É constante a confusão feita pelos dois jornais, às vezes chamando o monge de José Maria, outras vezes de João Maria.

¹⁰ Bibliografia sugerida: “Os Sertões” de Euclides da Cunha

“A simples vista, a gente é sempre levado a não dar crédito as pregações e ao poder sugestivo desses monges que sempre aparecem fazendo profecias e explorando a ignorância das populações sertanejas”¹¹.

Somente em 28 de setembro o jornal envia um correspondente à região para coletar informações, e observem o que ele deduziu: título “Novo Canudos? O ‘Diário’ procura informações precisas – Não há nada de anormal na zona – Diversas entrevistas – Uma fita Pathé”. A matéria aponta que o correspondente tentou procurar, “esmerilhando bem”, evidências que pudessem justificar o alarde levantado pelo Rio de Janeiro, mas não conseguiu. (Anexo p.53).

“Já se vê por essas notas colhidas pelo nosso representante, que não tinham nenhum fundamento os despachos transmitidos ao governo da República e que tanto rumor fizeram”¹².

Nesse momento já estava formada a opinião pública. Mas o jornal continuou nos próximos dias. Em 14 de outubro daquele ano a manchete do jornal foi “O Regimento de Segurança – Embarque para Palmas – As ordens e preparativos de embarque – O desfile da força – O dr Carlos Cavalcanti fala a oficialidade – A passagem pela rua 15 – O efetivo do regimento – Aclamações populares – O monge José Maria”.

A matéria reverencia o exército e seu coronel e afirma ter recebido notícias que o monge José Maria, acompanhado de um bando armado de 30 homens, constituindo a guarda avançada de suas tropas de fanáticos, estava invadindo o território de Palmas.

¹¹ “Diário da Tarde” 26/09/1912

¹² “Diário da Tarde” 28/09/1912

Na mesma edição, a nota “O monge José Maria” traz uma descrição do monge feita pelo correspondente do “Diario”, Juca Ruivo. O repórter descreve o monge como tendo entre 45 e 50 anos, feição de índio e se auto intitulado curandeiro. Ruivo diz que ele lê as histórias de Carlos Magno e que tem 24 fanáticos, intitulados os doze pares da França, como a guarda do novo Império. Ele conta que o monge orientou seus “fanáticos” a se retirarem quando chegasse o exército porque sozinho ele conseguiria vencer mil homens. A nota dá destaque a presença de mulheres e crianças entre seus seguidores que marcham armados e montados em cavalos brancos.

As manchetes dos dias que seguiram:

- Dia 15 de outubro de 1912 – “O monge José Maria – A população de Xanxerê está alarmada e pede providências – Em Palmas, o Regimento de Segurança terá imponente recepção – Bombeiros vigiam a zona onde se internou o monge”.
- Dia 17 de outubro de 1912 – “A Associação comercial aplaude a atitude do governador do Estado no caso José Maria”.
- Dia 18 de outubro de 1912 – “O caso José Maria – O Regimento de Segurança chega em Palmas – 148 km em 51 horas”.

Em 21 de outubro daquele ano o jornal volta a enfocar as ações do monge com a matéria “Ainda a obra do fanatismo – No Paraná reaparece o monge José Maria – São mandadas forças ao encontro do bando de fanáticos – Contrastes: o que se faz ao sul e o que não se faz ao norte”.

A matéria mostra que as primeiras notícias sobre o caso traziam uma visão alarmista e que “havia exagero, evidentemente, e a calma restabeleceu-se aos

espíritos¹³". O restante da matéria é um elogio às ações do governo – que seriam de patriotismo e um exemplo louvável a todo o país – e do ilustre governador.

Somente em 22 de outubro chegam as notícias sobre a chegada das tropas do Coronel João Gualberto: "O caso José Maria – A chegada do Regimento de Segurança em União da Vitória – A marcha – As forças do Rio Caçador – Outros informes sobre José Maria – Carroças com armamentos e munições".

Segundo a matéria, as tropas e o ilustre Coronel teriam sido recebidos pelas autoridades locais com grande entusiasmo. O repórter diz ter recebido informações de uma pessoa vinda da estação de Herval que dizia o seguinte:

"Está provado não ser José Maria, o monge que outrora viveu nos sertões deste Estado, e sim um homem de tipo 'indígena', bandido e autor de duas mortes no município de Palmas, onde foi processado e condenado, conseguindo fugir da prisão; (...) que está acompanhado de inúmeros homens amados, municados e montados em bons animais¹⁴".

Já em 23 de outubro a notícia é manchete: "A catastrophe [sic] nos Campos do Iruy – As dolorosas noticias – Os bandidos, em numero superior a 500 bem armados e bem montados – O combate – Tristíssimo resultado – O telegramma [sic] e outras notas sobre o luctuoso [sic] acontecimento" (Anexo p.54).

A primeira frase "Nunca como nesse momento sangram os corações dos paranaenses", demonstra o tom da matéria que trazia a morte do Coronel João Gualberto e a vitória dos caboclos como notícia.

Neste dia o jornal ganhou uma segunda edição: "A catastrophe [sic] nos Campos do Iruy – o relatório do chefe de polícia – o comício da mulher paranaense

¹³ "Diario da Tarde" 21/10/1912

¹⁴ "Diario da Tarde" 22/10/1912

– Novas notícias sobre o combate do Irany – O alferes Libindo diz que esteve prisioneiro – O número dos fanáticos – As suas guardas avançadas – O sargento Cantidio apareceu – Outros soldados os contam que estiveram prisioneiros” (Anexo p.55).

O jornal publicou ainda uma terceira matéria neste dia: “As explorações nos campos do Irany – O piquete avançado do Regimento de Segurança – A partida do Coronel João Gualberto para o covil dos bandidos – Prisão de dois emissários do monge – O que é o reducto [sic] – Com que elementos contam os fanáticos – Um plano de ataque”. A matéria conta toda a trajetória das tropas do Coronel João Gualberto e salienta como vive o grupo de José Maria: uma vida errante e criminosa.

No dia seguinte mais duas edições com a mesma manchete e conteúdos parecidos são impressas. Na primeira edição há também a afirmação que mais forças estão sendo enviadas ao reduto, mas novamente temos poucas informações sobre os acontecimentos e muitos telegramas e mensagens de pêsames ao coronel.

Quatro dias depois, em 28 de outubro, a manchete “A catastrophe [sic] nos Campos do Irany – Um exemplo de cultura cívica – A vida e os heroes [sic] – Como morrem os dignos – As manifestações de pesar – Notas diversas” mostra claramente a posição do jornal com relação aos envolvidos no combate. Em todas essas edições existe muito pouco sobre a batalha em si, o jornal, aparentemente, não enviou correspondentes para a região e se conforma com as informações provenientes do exército ou de telegramas de autoridades.

Em 29 de outubro o jornal deu espaço a artigos de colaboradores de todo o estado. Nesta edição o jornal traz as seguintes informações, tentando justificar a derrota da expedição:

“Mas, perguntamos, poderia haver erro de estratégia no facto [sic] de ter a nossa policia avançado resolutamente contra um bando de criminosos que, segundo informações oficiais catharinenses [sic] insertas na imprensa da capital da Republica, não excedia de 30 homens, levando força superiormente armada?”¹⁵

Somente em 31 de outubro daquele ano, na matéria “A expedição do Irany – Novas e importantes informações” é que conhecemos um pouco melhor os fatos do combate. Segundo o jornal, João Gualberto estaria acompanhado de 50 homens, 20 praças da cavalaria e 30 praças da infantaria.

O comandante teria a princípio feito um pedido ao monge José Maria para que ele e seu grupo se dispersassem. O coronel esperava uma reação do grupo, mas não uma grande reação da fuzilaria inimiga. Então o coronel não teve tempo de dispor seu regimento em perfeita situação de resistência quando foi atacado pelos “fanáticos”. Em seguida é descrita toda a batalha – sempre pela ótica do regimento de segurança¹⁶.

Em 05 de novembro o “Diario” recebe informações da região após o combate: “O combate do Irany – Novos informes – cadáveres em putrefacção [sic] e comidos pelos porcos. Horrível fedentina. Mais de 40 cadaveres [sic] apodrecem abandonados – Bandos sinistros de corvos – Os bandidos atiram com balas de grosso calibre”.

“Pelo despacho telegráfico que abaixo publicamos, vê-se em tintas negras e dolorosas, o que verdadeiramente foi o sangrento encontro que teve lugar [sic] nos campos do Irany.

Foi uma refrega tremenda sustentada desesperadamente pelos nossos soldados, que sucumbindo no ardor da luta fizeram tombar também dezenas dos que sobre elles [sic] furiosamente se arremessavam.

¹⁵ “Diario da Tarde”, 29/10,1912”

¹⁶ A qualidade de impressão do jornal deste dia está muito ruim, impossibilitando a leitura em vários trechos, sendo possível apenas fazer algumas presunções.

Agora, como nol-o [sic] diz o telegrama, o campo da luta apresava aquelle [sic] a aspecto desolador e dafresco de carnes podres e entregue a voracidade dos animaes.

E quem se aproxima daquelle [sic] recanto lúgubre, foge apavorido [sic] na contemplação da scena [sic] horrível onde vidas preciosas sucumbiram enfrentando adversários vantalosamente [sic] superiores em números e bem armados”.¹⁷

O telegrama descreve os dados citados acima e traz uma informação um pouco diferente da anteriormente noticiada: o regimento era composto de 35 homens de infantaria, sendo dois sargentos e dois corneteiros e 20 homens de cavalaria, também com dois sargentos.

Os dias que seguiram foram dedicados aos funerais do coronel João Gualberto. Dia 06 de novembro: “Homenagem do ‘Diario da Tarde’ ao seu querido e grande amigo Coronel João Gualberto” (Anexo p.58), 07 de novembro: “Os funeraes [sic] do Coronel João Gualberto” (Anexo p.59) e em 08 de novembro “Ainda os funeraes [sic] – O discurso do dr. Amadeo Cezar, no Cemitério – O tiro 99, de Paranaguá”. Essas edições trazem grandes fotos do coronel e a íntegra dos discursos feitos durante as cerimônias de homenagem.

A última matéria publicada nesse ano sobre a batalha do Irani é de 07 de dezembro. Com o título “O Combate do Irany – O Sargento Virgilio – O heroe [sic] que matou o monge – ‘Vou morrer com o comandante’”. Nela, o jornal admite que foram recebidos diversos telegramas com informações desencontradas sobre os acontecimentos do Irani, mas que em momento algum foi colocada em dúvida a bravura de João Gualberto. Mas agora o jornal não poderia deixar de destacar uma outra figura que também morreu em combate, mas antes “abateu a causa de toda

¹⁷ “Diario da Tarde”, 05/11/1912

aquela lamentável campanha”¹⁸: o monge José Maria. Ao sargento Virgílio também é atribuído o status de herói, destacando a bravura e patriotismo do digno militar.

Até o final de 1912 não são mais publicadas informações sobre o Contestado.

5.2 “A REPUBLICA”

O Jornal “A Republica”, também da capital paranaense, começa a dar destaque aos acontecimentos na região do contestado por volta do dia 26 de setembro de 1912, quando unidades do exército são enviadas ao reduto de Taquaruçu. Neste dia o jornal traz na matéria o destaque “O propheta [sic] ressurgue!” dando conta do reaparecimento do monge João Maria (Anexo p.61):

“Hoje o nosso serviço telegraphico [sic] repete a frase attribuida [sic] ao ‘monge’ de que ‘falara com Deus e que Deus lhe dissera que D. Pedro III fora proclamado imperador do Brazil [sic], acclamado [sic] por dous [sic] estados do Norte’.

Assim o propheta [sic] ressurgiu! Está regulando com os seus colegas dos tempos biblicos [sic].....¹⁹”

O jornal volta a dar destaque ao assunto em 14 de outubro de 1912 com a série de reportagens intitulada “A incursão de um ‘bandoleiro’”. Nesse dia os destaques são: “O governo Federal e dos Estados de S. Catharina e Paraná, empenhados no seu aprisionamento – o que motivou a mobilização da nossa policia” (Anexo p.61).

¹⁸ “Diario da Tarde”. 07/12/1912

¹⁹ “A Republica”, 26/09.1 912

A matéria traz uma nota, “Quem é José Maria?”, afirmando que ninguém tinha conhecimento do novo monge que circulava na região, que, inicialmente, havia sido confundido com o “inofensivo” monge João Maria. O novo monge, segundo a reportagem, vivia uma vida errante cercado de vagabundos.

A segunda reportagem da série, de 15 de outubro daquele ano, era “Notas e pormenores – A identidade de João Maria”. Agora o jornal trazia a certeza de que esse monge não era o mesmo daquele “bando errante do conhecido e inofensivo [sic] maluco”²⁰.

“Veio à scena [sic], então, um outro falso monge, e desta vez guerreiro (...) de larga e afiada espada ameaçadora, surgido no alto das coxilhas sulistas como ameaça, à frente da tropilha aguerrida que lhe lhe [sic] serve de ideias [sic] aventureiros”.²¹

Esse monge desafiava os mantenedores da ordem e das instituições e usava forças do fanatismo. Sua imagem é de um homem sujo e hediondo. Ele havia reunido um grupo de fanáticos que, segundo relatos da população da região, estavam bem armados e com todas as intenções de invadir as cidades.

A terceira e a quarta matéria da série traziam as últimas notícias da “Incursão de um bandoleiro”. Em 16 de outubro apenas o telegrama do Coronel João Gualberto dizendo sua localização e o clima ruim que acompanhava as tropas. O autor refere-se aos camponeses de “João Maria e seus sequazes”. Em 18 de outubro houve novamente destaque aos telegramas de João Gualberto, do governador do Paraná, Carlos Cavalcanti, e do chefe de polícia, Vieira Cavalcanti.

²⁰ “A Republica” 14/10/1912

²¹ idem

Pelos relatos, a batalha se aproximava e até mesmo a população da região estava se armando para qualquer eventualidade.

Após alguns dias, em 24 de outubro de 1912, a manchete do jornal traz “O Combate do Irany”. São feitas constantes referências emotivas à morte do coronel João Gualberto e ao fracasso da expedição.

“Continua a trazer em constante tensão o espírito publico cheia da mais magoante [sic] tristeza o coração paranaense (...). O Paraná está affeito [sic] a estimar a sua força publica e a se orgulhar das suas tradições cívicas (...). Dulcideo e Gualberto, que morrendo ao serviço da defesa de nossa ordem interna se fizeram dignos da veneração dos demaes [sic] soldados e credores da imperecível gratidão do povo paranaense, a cujo serviço cahiram [sic], são figuram marciaes [sic] do mais alto relevo em a nossa historia militar, em cuja saudosa lembrança o tempo não terá força para apagar o sulco brilhante que deixaram”²².

A matéria traz ainda telegramas de municípios de todo o estado com pesares e lamentações e pouco fala sobre a batalha em si e sobre baixas no lado dos caboclos.

Somente em 25 de outubro o jornal descreve com detalhes como foi a batalha na matéria “Parte Oficial do Combate”:

“Os fanáticos avançavam sempre saltando sobre os cadáveres dos seus companheiros e pouco se importando com a fuzilaria que abria claros enormes em suas fileiras.

(...) E assim avançando eles abarcaram primeiras fileiras da nossa vanguarda e desembairbatado [sic] os seus facões começaram a mais tremenda carnificina que se pode dar.

Estabeleceu-se, então, o entrevero e o combate tornou-se um verdadeiro horror. Os soldados combatiam, atirando a combaliu, esgotada a munição brigaram a coice de carabina. A cavalaria que já esgotava, também, suas munições, não

²² “A Republica” 24/10/1912

podendo mais munir-se porque a munição havia sido tomada, empunhava seus revólveres e com eles se defendiam daquelles [sic] que se aproximavam”²³.

Nos dias 26 e 28 de outubro, o jornal trouxe novamente a manchete de título “O Combate do Irany”, desta vez com os destaques “Informações do Sr. Dr. Chefe de Policia ao Sr. Dr. Presidente do Estado sobre o combate DO IRANY” (Anexo p.63) e “Informações oficiais [sic] e de reportagem. Ultimas noticias”, respectivamente. As matérias discorrem o tempo todo sobre os telegramas de pesar e, as ações fúnebres e outras homenagens aos oficiais mortos e feridos no combate. Novamente não são mencionados os caboclos ou mesmo detalhes do combate.

Em 29 de outubro o jornal faz um novo relato dos acontecimentos:

“Depois das aterradoras noticias que circularam annunciando [sic] o fracasso total da expedição do Irany, outras vieram a pouco e pouco restabelecendo a verdade da triste ocorrência, até circumscreve-la [sic] n’um raio de acção [sic] mais limitado e doloroso para o coração paranaense.

Entretanto é preciso desde já irmos restaurando a verdade dos factos [sic] agora que elles [sic] estão bem definidos, afim de que não se pense lá fora, terem entrado em acções [sic] todas as nossas forças estaduaes [sic], quando o que se deu foi o encontro com os bandidos, de uma pequena expedição apenas de 50 homens, sendo que desses, 20 constituíam o piquete da exploração. A infantaria, por conseguinte, entrou em luta constituída de uma linha de atiradores de 30 homens apenas. (...)

É mister, nesta hora angustiosa, não exagerarmos as circumstancias [sic] em que se deu a peleja attribuindo [sic] ao bravo regimento a derrota que ele não sofreu absolutamente²⁴.

“A Republica”, no dia 01 de novembro traz uma matéria criticando a cobertura da imprensa do Rio de Janeiro, dizendo que esta estava sendo injusta ao escrever e comentar a ação do Irani. Segundo a matéria, os jornais da capital da República (a época) diziam que os 70 homens de João Gualberto haviam abandonado o seu

²³ “A Republica”. 25 10/1912. A qualidade de impressão do jornal deste dia está muito ruim, impossibilitando a leitura em vários trechos, sendo possível apenas fazer algumas presunções.

²⁴ “A Republica” 29 10 1912

“heróico” comandante ao encontrar os sertanejos. A matéria toda consiste na publicação dos trechos dos jornais cariocas e na correção daquelas informações. A verdade sobre os fatos já teria sido apurada.

O jornal volta a dar notícias sobre o caso em 05 de novembro daquele ano, novamente exaltando o Coronel e suas tropas e informando eventos oficiais que seguiram (“O Combate do Irany – de Porto União o corpo do coronel João Gualberto – As cerimônias fúnebres na Câmara e na Maçonaria - Darcy Fragoso e outros habitantes da região chegaram a Palmas – O chefe de polícia começa a perseguir um grupo de fanaticos [sic] que segue para a fronteira argentina”).

A matéria do dia 07 de novembro de 1912 trazia com detalhes as informações sobre as cerimônias fúnebres de João Gualberto (“Dia luctuoso [sic] – O enterro do coronel João Gualberto – De Porto da União a Curytiba [sic] e do Tiro Rio Branco ao Cemitério Municipal”). O jornal destaca que em todo o estado a população prestou condolências ao coronel:

“Era crescente o numero de visitantes e não houve quem não compreendesse e admirasse a significação daquela [sic] homenagem ao corpo do denodado comandante, o ídolo da mocidade desta terra”²⁵.

Em 14 de novembro uma matéria de título “O que há em Palmas” traz as informações de um correspondente – aparentemente um médico – sobre a situação pós-combate nos campos do Irani. Lá estavam muitos feridos e corpos de cadáveres em processo de putrefação e a população local tentava tirar proveito da situação.

No jornal “A Republica”, o último destaque do ano à campanha do Contestado é publicado em 18 de novembro com a matéria “O Irany antes do combate – Interview feito com o Sr. José Julio Farrapo que, como intermediário, propoz [sic] ao

²⁵ “A Republica”, 07/11/1912

monge fallar [sic] com o coronel Soares e a força do coronel Gualberto, tendo o intuito de, esclarecendo a situação junto às nossas forças, promover a dissolução do grupo armado, evitando assim uma lucta [sic] que julgava eminente, restabelecendo a paz e a ordem na zona do Irany até então pacífica – As respostas de José Julio eram tomadas ‘verbum ad verbum’ [sic] pelo nosso ilustre correspondente em Palmas”.

Segundo José Julio, o monge admitia não ter questão com o Estado do Paraná ou de Santa Catarina, mas que brigaria porque estava sendo perseguido pelo sr. Albuquerque e que só atacaria se fosse atacado primeiro.

Até o final de 1912, o jornal “A Republica” não deu mais destaque à questão.

5.3 OBSERVAÇÃO DA AUTORA MARLI AURAS

A autora MARLI AURAS faz uma reflexão sobre como os paranaenses tiveram conhecimento dos acontecimentos da região e dos personagens envolvidos:

“Sob esse clima é que a capital paranaense recebeu a notícia de que os ‘fanáticos’ se estabeleceram em Irani, cuja jurisdição era reivindicada pelo município de Palmas, que pertencia ao Paraná. Para proteger o que julgava ser seu território, o governador Carlos Cavalcanti determinou a partida imediata do Regimento de Segurança do Estado, sob o comando do oficial do exercito, Cel. João Gualberto de Sá Filho. Antes de partir para Palmas, a tropa desfilou garborosamente [sic] pelas ruas principais de Curitiba”.²⁶

²⁶ AURAS, *loc. cit.*, p. 64

6. INTERPRETAÇÕES, MEIAS-VERDADES E INVERDADES

Neste capítulo será feita a comparação entre o que os dois jornais noticiaram (capítulo 5) e o que a história entende hoje como sendo o mais próximo da verdade e também em que momentos o jornal não foi totalmente isento e apresentou interpretações e adjetivos para comprometer deliberadamente uma das partes. Essa comparação é baseada em livros e entrevistas com historiadores. Mesmo aqui não é possível tomar uma posição totalmente imparcial, levando em conta que esse também é um julgamento de quem pode ser considerada a fonte mais confiável.

6.1 AS DENOMINAÇÕES

Como foi visto no item 2.3, a designação é um elemento capaz de implicar uma interpretação no receptor do discurso. A opinião pública pode vir a se colocar contra ou a favor de uma pessoa ou de um acontecimento através de um nome atribuído pela imprensa. No caso da Guerra do Contestado, os dois jornais analisados se mostraram parciais e preconceituosos em suas denominações.

Segundo o “Manual de Redação e Estilo” do jornal “O Estado de S. Paulo” que traz uma série de regras para moldar os textos jornalísticos da redação deste jornal, mas é seguido por jornalistas de todo o Brasil:

“O texto noticioso deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino, etc.*) evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito, etc.*). (...) O jornalista pode sempre **mostrar** que um

temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir textos com dezenas de qualificativos.”²⁷
Veremos em que momentos os jornais não seguiram os padrões jornalísticos:

6.1.1 O GRUPO

Os dois jornais analisados se referem aos seguidores do monge José Maria sempre através de adjetivos como “bando criminoso”, “bandidos”, “elementos perturbadores da ordem”, “hostis”, dentre outros. Mas o adjetivo mais usado, e aparentemente escolhido como o nome padrão do grupo, é “fanáticos”.

Os caboclos seguidores de José Maria podem ser facilmente chamados de fiéis devido a grande devoção que sentiam pelo monge, que para eles era um grande líder, professor e curandeiro. Mas o fanatismo, aqui aplicado com cunho religioso ou de adoração, não pode ser bem caracterizado. Autores de ensaios e livros sobre o contestado adotam o termo “fiéis” ao fazer referência ao grupo.

A origem da denominação “fanáticos”, feita pela imprensa aos caboclos, pode ser explicada pelo fato de que grande parte das notícias apresentadas pelos jornais são provenientes de telegramas recebidos de autoridades. Por exemplo, o coronel Albuquerque, de Campos Novos, próximo a Taquaruçu, envia um telegrama a seu vizinho no período inicial dos conflitos, dizendo que aquele grupo era um movimento como um “Ipiranga à la Mucker” e tinha a intenção de realizar uma ruptura institucional impulsionada por um “fanatismo irracional”. Segundo o autor PAULO PINHEIRO MACHADO²⁸:

²⁷ MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. SP, Editora Modema, 1997, p.34.

²⁸ MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas**. SP, Editora da UNICAMP, 2004. p.179

“Estas informações serviam de combustível para a imprensa gastar muitas laudas na descrição dos costumes ‘bárbaros’ dos caboclos, o que legitimava uma ação do governo. A intenção monárquica e conspirativa por parte do monge era um evidente exagero de Albuquerque”.

Tendo em mente que os jornais analisados são referentes ao início do conflito, onde ainda não é de conhecimento profundo quem são os envolvidos, a imprensa não poderia já ter feito um levantamento preciso da identidade dos sertanejos e da sua motivação. Mesmo após o jornal “Diario da Tarde” ter enviado um correspondente ao local com a intenção de procurar informações para incriminar o movimento e ele não ter conseguido, os adjetivos pejorativos continuaram sendo usados.

6.1.2 O MONGE

As primeiras preocupações dos dois jornais quando o monge José Maria apareceu (o terceiro monge pelo que temos conhecimento e aquele que incitou a guerra do contestado) eram diferenciá-lo do(s) outro(s) João Maria. Apesar da confusão constante com os nomes – João e José – através do conteúdo podemos diferenciar claramente quando se referem a um ou a(os) outro(s).

Na primeira apresentação feita pelo “Diario”, José Maria é comparado a Antonio Conselheiro de Canudos e também é feita a afirmação de que ele quer derrubar a república e que, aliás, já montou um movimento de forças. O jornal faz até uma ironia dizendo que “o Santo transformou-se em revolucionário”. Mesmo tendo enviado um repórter para o local para colher informações sobre José Maria e esse afirmar que ele não passa de um curandeiro que dá conselhos e lê as histórias

de Carlos Magno para seus seguidores – o jornal chega até mesmo a mencionar que os caboclos seguem o monge para receber comida dele – o “Diario” continua adotando a postura de mostrá-lo como um “malfeitor”.

“A Republica” diz que João Maria era inofensivo e “maluco” e que o novo monge, apesar de não cometer desordens, tinha uma vida errante e estava “cercado de um pequeno bando de vagabundos”. Após apresentar o monge com as matérias “Quem é José Maria?”, o jornal faz uma série de quatro reportagens com o título “Incursões de um Bandoleiro” (bandoleiro: bandido, quadrilheiro). O jornal chega a chamar José Maria de falso monge e guerreiro perigoso, uma ameaça, afirmando que ele era sujo e hediondo e que se dizia enviado do antigo João Maria, mas que não curava ninguém.

A imagem que os jornais passam de José Maria é de um profeta lunático e estrategista que se aproveitava da ignorância do povo sertanejo para conseguir derrubar a República e reinstalar a monarquia colocando si próprio como imperador. Na minha interpretação – e na de alguns autores – José Maria foi escolhido como líder de um grupo marginalizado simplesmente por ter carisma e mais conhecimento do que a grande maioria – como ler, escrever e algum domínio sobre as ervas –, esse povo que atingiu o extremo absorveu as idéias do monge por acreditar não haver outra saída.

6.1.3 O CORONEL

Enquanto os caboclos recebiam da imprensa um tratamento cheio de ofensas e acusações, o coronel João Gualberto e seu regimento eram aclamados. Além de usar constantemente adjetivos como “ilustre”, “herói”, “bravo”, “ídolo da mocidade”,

os jornais faziam questão de destacar como a população do estado – tanto da capital como da região contestada – também reverenciava o “querido e grande amigo”.

Frases como “terá imponente recepção” e “foram recebidos com grande entusiasmo” eram usadas no período da expedição e, após o combate, com a sua morte, ele se tornou “digno da veneração dos demais” e adjetivos superlativos como “tristíssimo” estavam estampados nas manchetes.

A figura do chefe do regimento tinha nas reportagens destaque muito maior do que os acontecimentos em si. Nos dias que sucederam o episódio, as matérias ao invés de trazerem dados, relatos ou fotos, traziam os telegramas de “autoridades” de todo o estado com os pesares sobre o “luctuoso” [sic] acontecimento.

O coronel João Gualberto de Sá era um homem presunçoso e teimoso que se recusou a ouvir seus conselheiros como o “coronel” Domingos Soares e não quis negociar com José Maria. A batalha poderia ter sido evitada de muitas formas – foi sugerida uma estratégia para aprisionar o monge ou exigir sua retirada do Paraná, já que o próprio monge afirmava não ter questão com o estado – mas Gualberto disse que “já havia dado comunicação ao presidente do Estado e se assim não procedesse considerava-se desmoralizado perante a nação brasileira”²⁹.

O coronel estava convicto de que iria “trazer os bandidos todos amarrados”. A sua intenção era realizar um desfile na capital com todos os prisioneiros. Durante a partida de sua tropa para o encontro com os caboclos, uma mula que carregava a metralhadora deixou cair em um córrego a arma e a caixa de munição. Gualberto não tentou identificar o verdadeiro motivo do incidente – segundo relatos um tropeiro

²⁹ AURAS, *loc. cit.*, p. 69

simpatizante do monge que assustou o animal – limitando-se a ralhar com o praça que levava a mula.

Fatos como esses foram omitidos da cobertura jornalística, restando para a população da época a imagem do ilustre coronel que havia sido enganado com relação às circunstâncias da batalha e foi injustamente morto em combate.

6.2 A PRESUNÇÃO DA INTENÇÃO

Os dois jornais apresentaram desde as primeiras notícias quais foram as intenções daquele grupo de sertanejos que havia deixado suas casas para seguir o monge. Já no dia 25 de setembro o “Diário” afirma que o Monge estava acompanhado de adeptos querendo arrasar povoações e restaurar a monarquia. Veja no dia 26 de setembro quais eram essas intenções:

“Acompanham o monge centenas de pessoas armadas dispostas a lutar em seu favor. O monge profeta [sic] promete marchar com os seus homens sobre coritibanos [sic] onde estabelecerá o seu quartel general. Dahi [sic] agirá mais amplamente, afim de com esse movimento abrangendo os três estados do sul”.³⁰

O questionamento feito aqui é sobre a confirmação dessas informações, de onde elas vieram e se em algum momento os jornais tiveram a intenção de procurar o outro lado para ouvir sua versão. Segundo historiadores, somente um ano após a morte de José Maria, em 1913, é que passou a existir no grupo uma visão mais elaborada da monarquia cabocla e, efetivamente, a intenção de reinstalar o império.

“De qualquer maneira, para o governo do estado reprimir o ajuntamento de Taquaruçu, já era suficiente o fato de haver uma crescente concentração de

³⁰ “Diário da Tarde” 26/09/1912

sertanejos pobres que não se subordinavam às autoridades locais. Na imprensa do litoral, os representantes do governo argumentariam que, por força da ignorância e das carências dos sertanejos, não restava outra opção ao governo se não liquidar o ajuntamento em torno de José Maria”.³¹

E foi essa a visão escolhida pelos dois jornais da capital paranaense: a oficial, governista e da elite. Somente o lado do governo podia ser ouvido e somente o que o governo dizia podia ser verdade.

Outro recurso utilizado pelos jornais era divulgar a declaração de moradores da região. Usando títulos como “A população está alarmada” e “A população pede providências” era possível afirmar que aquelas pessoas, que prestaram depoimento, ouviram falar que o bando de José Maria tinha tais intenções.

Outro motivo apresentado pelos dois jornais era relativo à disputa territorial com o Estado de Santa Catarina. A jurisdição do Irani era reivindicada pelo município de Palmas (PR). O governador do estado Carlos Cavalcanti, ao receber as notícias de que a área estava sendo dominada por um grupo vindo de Taquaruçu (SC), determinou a partida imediata do Regimento de Segurança. Essa hipótese foi sustentada pela imprensa curitibana por um bom período, e quando não havia mais base para tais alegações, o motivo da balbúrdia que passou a ser adotado pelos dois jornais era o de que “fanáticos querem restaurar ali a monarquia”.

Segundo depoimentos de moradores da região, José Maria escolheu o Irani por ter velhos conhecidos que lhe dariam acolhimento de um grupo de policiais militares catarinenses que havia sido enviado para Curitiba. Um enviado do “coronel” Henrique Rupp tentou persuadir o grupo a se debandar, mas “o monge respondeu que já tinha dito aos seus companheiros que deveriam voltar para suas

³¹ MACHADO, loc. Cit., p.181.

casas” mas eles não queriam abandoná-lo porque acreditavam que ele era vítima de uma perseguição injusta.

O agrupamento na região do Irani aconteceu de forma circunstancial. O monge José Maria – que assumia preferir a monarquia – não tinha intenção de instalar uma revolta contra o poder vigente. Só que ao seu lado estavam homens sem terra e sem lei que estavam dispostos a tudo para defender aquilo que passaram a acreditar e, naquele momento, eles acreditavam no monge.

A batalha do Irani aconteceu por uma sucessão de enganos e/ou más intenções por parte do governo do Paraná e do exército. O monge chega a admitir para o coronel João Gualberto, através de seus emissários, que havia uma intriga entre ele e o “coronel” Albuquerque, mas que não tinha “questão com o Paraná, que nenhum mal lhe fez”. Mesmo assim o coronel mandou o regimento “atacar” o acampamento.

Se haveria mais motivos escondidos pelo estado ou pela imprensa para fazer uma cobertura tão parcial, isso dificilmente será revelado. Mas a princípio podemos concluir algumas possíveis justificativas: o Brasil todo estava com medo que acontecesse um novo episódio semelhante à Guerra de Canudos; o governo do Estado do Paraná estava com medo de perder a batalha pela região contestada e/ou que todo movimento social – de qualquer espécie e cunho – deveria (ou ainda deve) ser desfeito.

6.3 INFORMAÇÕES EQUIVOCADAS SOBRE A BATALHA

Os dois jornais demoraram alguns dias para divulgar informações sobre a batalha em si – como já visto eram feitas apenas menções aos seus “heróis e inimigos”. A verdade segundo os estudos atuais:

No dia 31 de outubro o “Diario” afirmava que antes de atacar o coronel pediu que o bando se dispersasse. Segundo relatos, o pedido foi que o monge se apresentasse frente ao regimento, o que representaria a prisão – para não outras possíveis providências. O “coronel” Soares foi quem sugeriu o pedido de dispersão, mas este foi negado por João Gualberto.

No mesmo dia o jornal diz que a reação ao ataque do exército teria sido com toda a fuzilaria inimiga. Em outros momentos os dois jornais também deixam claro que o grupo de José Maria estava bem montado e bem armado. Alguns sertanejos tinham sim domínio de armas de fogo e carregavam *winchester*, mas a grande batalha entre caboclos e soldados se deu com facões e espadas de pau, poucos sobre cavalos e muitos a pé.

Os números que envolveram a peleja também são muito contraditórios. Em manchete o “Diario” afirma que “os bandidos em número superior a 500, bem armados e bem montados”. É unísono entre os estudiosos da questão que os sertanejos não passavam de 200, sendo 40 os que o seguiam desde Taquaruçu e o restante simpatizantes, amigos e familiares da região. “A Republica” chega a publicar uma nota de repúdio à imprensa carioca que afirmou ser 70 o número de soldados na expedição. Os jornais curitibanos garantiram que eram 50 e que apenas 30 entraram em combate. Marli Auras e Paulo Pinheiro Machado dizem que eram 70.

Propositais ou não, os erros publicados sobre a batalha tornaram o entrave certamente mais romântico e seus guerreiros mais heróicos. Além das informações equivocadas, a omissão de muitas outras informações contribuiu para que a história contada fosse diferente da ocorrida. Aparentemente o coronel não tinha opções e não poderia prever o que estava por vir, desta forma ele não cometeu erros, apenas não tinha total conhecimento das circunstâncias. Os jornais deixaram de divulgar a sua teimosia em realizar uma batalha que poderia e deveria ser evitada e a série de erros que foram cometidos por ele e seus homens – como perder a munição, não se informar sobre o número e as habilidades do adversário ou a metralhadora que era a grande arma em que todos apostavam e não funcionou.

Se o objetivo era formar uma opinião pública contra o movimento, ele foi atingido. Mas a que custo: uma guerra que durou quatro anos com perdas para os dois lados e uma questão de cunho eminentemente social que foi tratada como caso policial, assim como muitas ainda hoje graças a um legado que não pode ser apagado.

7. CONCLUSÃO

A cobertura da imprensa escrita paranaense na Guerra do Contestado claramente ficou no lado oficial. Suas fontes quase que exclusivamente eram o governo, o exército e outras “autoridades” questionáveis. Quando, raramente, o outro lado da questão era ouvido, ele não recebia crédito algum e era menosprezado abertamente.

O tempo nos mostrou que a história é sempre contada pelo viés do vencedor. No caso da Guerra do Contestado a constatação é ainda mais cruel: o vencedor para contar a história tinha sido escolhido desde o início, e isso foi comprovado no final deste episódio.

A relação prostituída entre a imprensa e o poder trouxe como consequência para a humanidade episódios como a recente guerra no Afeganistão. Carlos Dorneles em uma análise comparativa similar a feita nessa monografia – só que em bem maiores proporções e em tempo real – chegou à conclusão que o dogma jornalístico de que “a imprensa somente revela fatos, não toma partidos e não é responsável pelos acontecimentos, apenas os registra³²” é irreal.

Em uma guerra em que a imprensa do mundo todo escolheu ficar ao lado dos Estados Unidos e do presidente George W. Bush – às vezes mesmo sem a intenção escancarada – precisou alguém de longe, como Dorneles, para mostrar que a fonte que todos os jornais escolheram como número um não era tão confiável assim.

Exatamente como na cobertura da Guerra do Contestado, o governo Bush divulgava as informações – como, por exemplo, a atribuição de atos terroristas a grupos específicos – e estas eram imediatamente tomadas como verdades

³² DORNELES. *Loc. Cit.* p. 271

absolutas e transformadas em manchete. Quando a informação conflitante vinha do outro lado da causa, ela era desmerecida, muitas vezes complementada com a frase “não pudemos confirmar com fontes independentes”.

A mídia cada vez mais confirma sua capacidade de ditar rumos. Muitas vezes com cumplicidade ou mesmo omissão – mas, segundo Dorneles, nunca com inocência – ela é a grande formadora de opiniões. Ao escolher lados e colocar isso em seu trabalho de forma aberta ou não, ela decide quem merece ou não a simpatia das pessoas, quem merece a punição e quem merece a glória.

Essa constatação comprovada na história mundial das guerras também é válida para os movimentos populares de cunho social. Revoluções, greves, reivindicações tendem sempre a sofrer discriminação por parte da imprensa no intuito oficial de serem abafadas. Os movimentos que se organizaram e tentaram fazer uma luta aberta contra questões sociais ou políticas apoiadas ou criadas pelo domínio vigente são alvos do desprezo ou mesmo combate dos órgãos de imprensa e, conseqüentemente, da população influenciada.

Uma história atual semelhante à do Contestado é a do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Inicialmente um movimento social formado por excluídos da sociedade que se reuniram para lutar por aquilo que acreditavam ser justo – sem entrar nos méritos ideológicos da questão -, o MST foi, e continua sendo, vítima do preconceito da mídia.

Trabalhando no Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) – o órgão governamental que lida com questões agrárias e, por conseqüência, com o MST – posso analisar diariamente a cobertura dada pela imprensa sobre essa questão. Notícias de denúncias, badernas e invasões sempre colocando o movimento na cadeira do réu são diárias. O que não ficamos sabendo em quase

nenhuma das vezes é o posicionamento do grupo com relação a essas afirmações e atitudes.

Se a justificativa para essa atitude com relação ao MST – que talvez também pode ser a mesma justificativa com relação aos caboclos do contestado – é a hostilidade encontrada ou mesmo a recusa de fornecer informações à imprensa, temos que nos questionar por que isso acontece. Acredito que a resposta seja simples: ninguém gosta de falar a quem nos menospreza, ninguém gosta de estar sempre tendo que se defender de acusações antes mesmo que os fatos sejam apurados, ninguém fala duas vezes a quem não agiu com a verdade na primeira.

A imprensa, que se acha no papel de fiscalizadora da sociedade, carrega muitas pedras na mão, mas acaba usando-as sempre com as mesmas pessoas. Ela não consegue se desvencilhar do poder político, da força econômica, da pressão patriótica, dos preconceitos da sociedade e serve como base para objetivos que nem de longe envolvem o jornalismo.

Se a história da humanidade ficasse marcada apenas pelo trabalho dos jornalistas nós enxergaríamos o mundo com olhos muito diferentes. Um olhar parecido com o que temos para as questões atuais, aquelas em que o tempo ainda não permitiu que a verdade fosse encontrada. Aqueles de fora do chamado quarto poder só podem esperar os livros de história com essa “verdade”, nós, os de dentro, poderíamos tentar mudar essa história. E essa é a lição que fica.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
- CARVALHO, Fernando Setembrino de. **Relatório apresentado ao general José Caetano Faria, ministro da Guerra, pelo comandante das forças em operações de guerra no Contestado**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1915.
- DORNELES, Carlos. **Deus é Inocente, a imprensa não**. São Paulo: Globo, 2003.
- GIOVANNINI, Giovani. **A Evolução na Comunicação: do Sílex ao Silício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul**. São Paulo: Edusp, 2001.
- MACHADO, Paulo Pinheiro Machado. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- POSSENTI, Sírio. **Apresentação da Análise do Discurso**. São José do Rio Preto; Glota, 1990.
- RAJANGOPALA, Kanavillil. **Por uma Lingüística Crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- REZENDE, Antonio Paulo. **Rumos da história: o nosso tempo. O Brasil e o mundo contemporâneo**. São Paulo: Atual, 1996.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O Adiantado da Hora**. São Paulo: Summus, 1991.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Sistema de Bibliotecas. Normas para Apresentação de Documentos Científicos: teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos**. Vol 2, Curitiba: Editora da UFPR, 2002.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Sistema de Bibliotecas. Normas para Apresentação de Documentos Científicos: referencia**. Vol 6, Curitiba: Editora da UFPR, 2002.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Sistema de Bibliotecas. Normas para Apresentação de Documentos Científicos: citações e notas de rodapé**. Vol 7, Curitiba: Editora da UFPR, 2002.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Sistema de Bibliotecas. Normas para Apresentação de Documentos Científicos: redação e editoração**. Vol 8, Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

8.1 DOCUMENTOS CONSULTADOS *ON-LINE*

CLUBE DE CRIAÇÃO DO PARANÁ. **Página da web.** Disponível em <<http://criativospr.com.br>> Acesso em: 05 de novembro de 2004.

REDE INDEPENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO. **Página da web.** Disponível em <<http://ric.com.br>> Acesso em: 05 de novembro de 2004.

8.2 JORNAIS

Jornal *Diario da Tarde*. Curitiba, 25/09/1912 a 07/12/1912.

Jornal *A Republica*. Curitiba, 26/09/1912 a 18/11/1912.



Foto dos Caboclos da região do Contestado³¹

³¹ URL: www.fatos.com.br

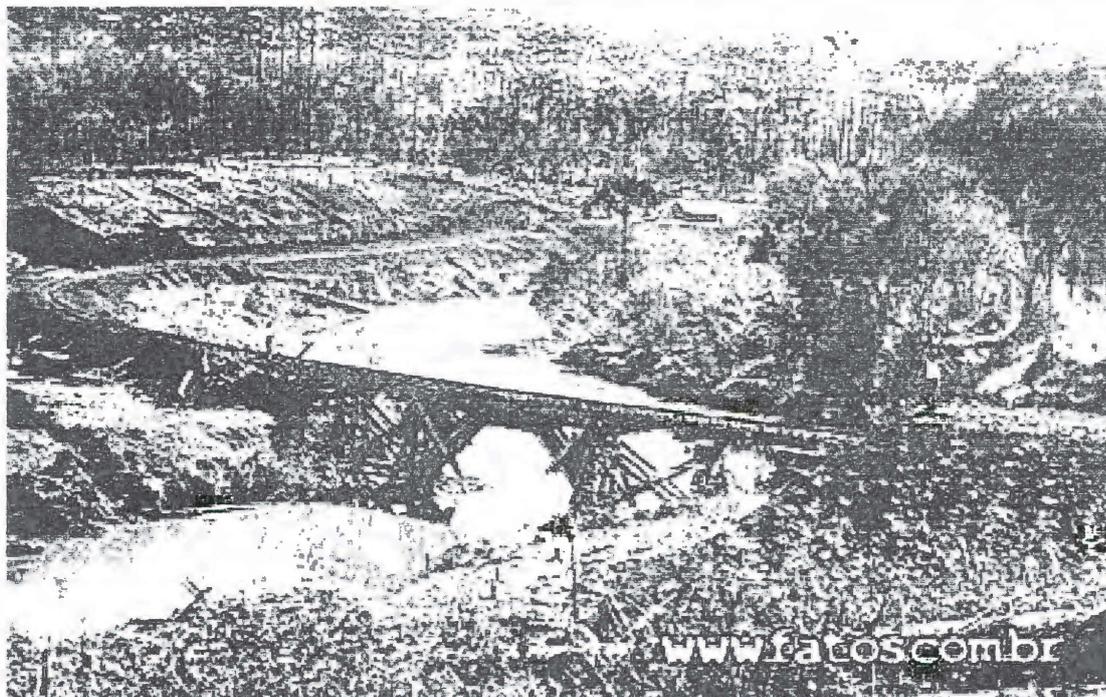
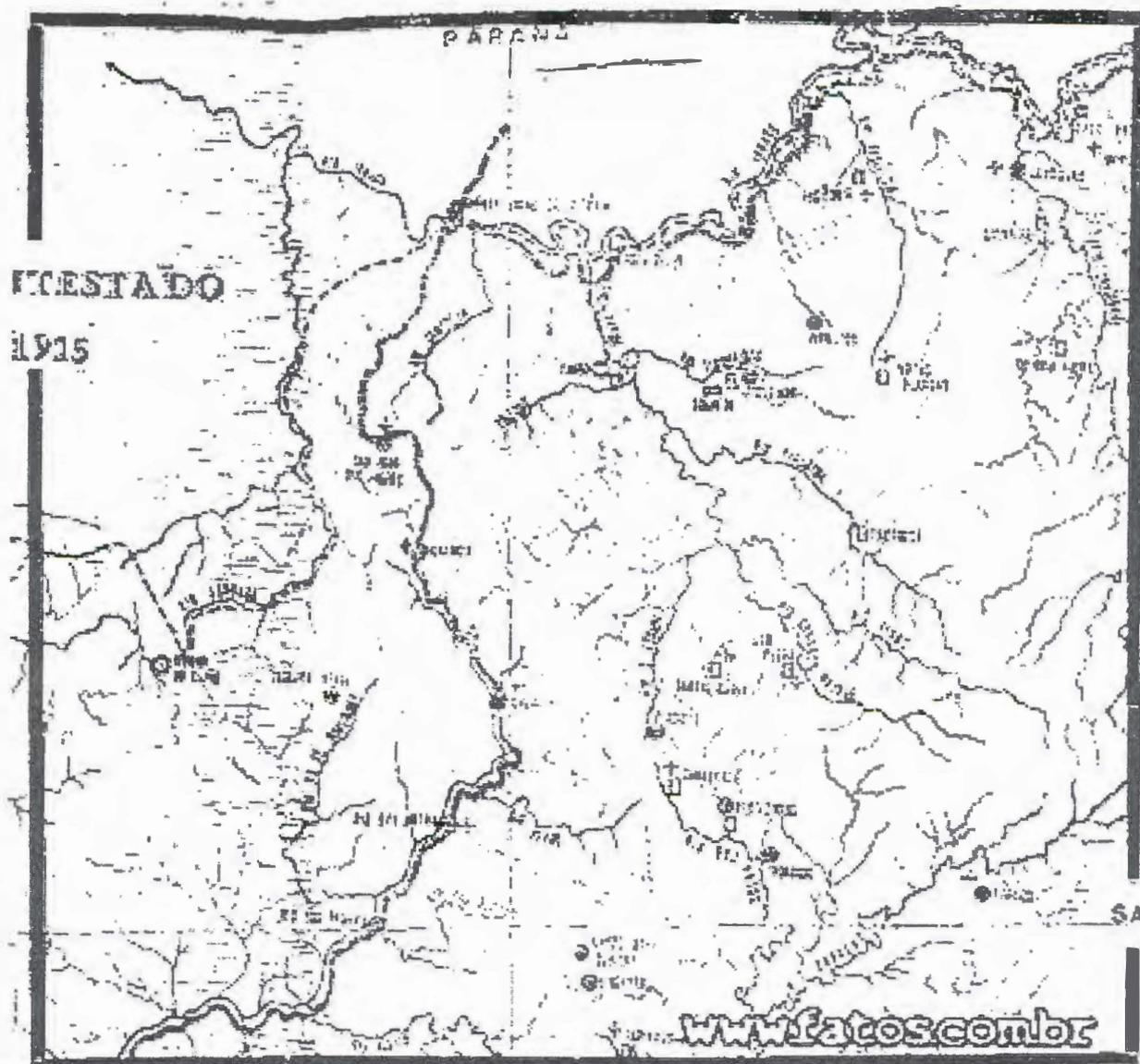


Foto das obras na Ferrovia SP-RS³²

³² idem



Mapa da Região³⁴

³⁴ URL www.fatos.com.br

DIÁRIO

sexta-feira

Folha de maior circulação

2ª edição

A catástrofe

O RELATORIO DO CHEFE DE

O comicio da mulher paranaense

Telegrammas de toda Novas noticias sobre o combate

O alferes Libindo diz que esteve prisioneiro dos fanaticos --- As suas guardas foram libertas --- Cantidio appareceu --- Outros soldados tiveram prisioneiros.

CONTINUA NA PAGINA 1

<p>Estado de São Paulo Prefeitura Municipal de Curitiba Rua da Liberdade, 100 Curitiba, Paraná</p>	<p>Estado de São Paulo Prefeitura Municipal de Curitiba Rua da Liberdade, 100 Curitiba, Paraná</p>
---	---

<p>Estado de São Paulo Prefeitura Municipal de Curitiba Rua da Liberdade, 100 Curitiba, Paraná</p>	<p>Estado de São Paulo Prefeitura Municipal de Curitiba Rua da Liberdade, 100 Curitiba, Paraná</p>
---	---

O combate de Arany

Notas Informes

Cadaveres em putrefacção e comidos pelas parcas Hierival fedentia. Mais de 40 cadaveres abandonados abridonados. — Bandos ministros de carnes

Os bandidos atiraram com balas de grosso calibre

Pelo despacho telegraphico que abelha publicamos, vê-se, em tons negros e dolorosos, o que verdadeiramente foi o sangrento embate que teve lugar no campo de Arany.

Muitos rebeldes tentaram a tentada descomunalmente por parte dos soldados, que sobreviveram ao soldor da luta tiveram tempo de fazer de conta dos que sobreviveram ao momento de arreouso.

Agora, como não o dit o governo, ma, o campo de luta estreitou-se, e o aspecto desolador e dalttoso do campo parece a natureza a tora cidade dos abitantes.

E quem se aproxima, depois de recanto lugubre, foge apavorado a contemplação da scena horrível, de vidas preciosas sacrificadas e frentando adversarios tanto mais superiores em numero e mais arduos.

É isso o que nos affirma o despacho abito. A luta foi tremenda e infelizmente nella houve muitas vítimas.

Ma o despacho PALMAS. — A força que se ltrou em acção contra os rebeldes, era composta de 25 homens de infantaria, 10 de artilheria e 10 de cavalaria.

coronel João Gualberto, na batalha de Arany, no dia 15 de Junho de 1911, em Arany, no Estado de Minas Geraes.

Os bandidos atiraram com balas de grosso calibre, e a luta foi muito sangrenta.

Os rebeldes apresentaram um aspecto verdadeiramente horrivel.

Os bandidos atiraram com balas de grosso calibre, e a luta foi muito sangrenta.

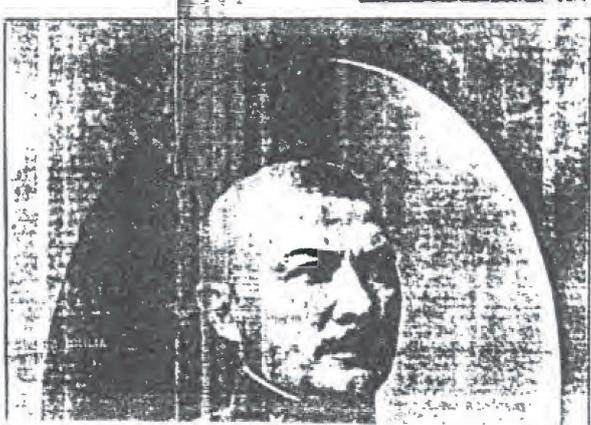
Os rebeldes apresentaram um aspecto verdadeiramente horrivel.

Diário da Manhã - Folha de maior circulação - ANN. XIV N.

Homenagem do "Diário da Tarde"

— AO SEU QUERIDO E GRANDE AMIGO —

CORONEL JOÃO GUALBERTO



NA ESTAÇÃO
 O dia 15 de Junho de 1911, em Arany, no Estado de Minas Geraes, o coronel João Gualberto, na batalha de Arany, teve a honra de derrotar os bandidos.

DISCURSO DO
 NO PULÃO

NOTICIA

OS FUNERAES DO CORONEL JOÃO GUALBERTO

Homenagens prestadas ao grande morto

O discurso do dr. Niepce da Silva

DIVERSAS NOTAS



Um homem sempre
 modesto e humilde, um
 homem simples de
 caráter sempre de
 uma grande pureza. Não
 se apegava ao poder
 e a ostentação de
 honras militares por
 razões pessoais.
 O Sr. João Gualberto
 foi o fundador e
 chefe do primeiro
 batalhão de infantaria
 do Paraná, tendo sido
 seu chefe durante o
 tempo da guerra do
 Paraguai. Foi também
 o primeiro governador
 do Estado do Paraná.
 Foi o primeiro chefe
 do Exército do
 Paraná, tendo sido
 o primeiro a assumir
 o cargo de governador
 do Estado do Paraná.
 Foi o primeiro a
 assumir o cargo de
 governador do Estado
 do Paraná, tendo sido
 o primeiro a assumir
 o cargo de governador
 do Estado do Paraná.
 Foi o primeiro a
 assumir o cargo de
 governador do Estado
 do Paraná, tendo sido
 o primeiro a assumir
 o cargo de governador
 do Estado do Paraná.

DE
D
ma
RO
ma
hum,
248
118
32
adanta
ca
apoa
to
o atligo
a ntra
soo vato
gior, cu
ave, cu
traco, co
doento
noo cafo
lano, l
trabanto
os vato
outoo
evidad
o luto
a um ho
foi qui
te sante
santa, a
archa d
e nao se
voo dis
residente
ela no
diza vol
alto po
ental d
mitas
das foz
ano 14
ste de
de 109
loma a
o chio
184 10
uma

O combate do Irany

O SARGENTO VIRGILIO O HEROE QUE MATOU O MONJE

"Vou morrer com o commandante"

Desde as primeiras noticias noticas, que de Palmas funcione e irradiaram por todo o Estado, a atencao publica fixou-se, entre ou ros, no nome do sargento Virgilio Rosa, nome desconhecido que numa epoca de infortunio acendi, exa- crupto, da humildade ao commen- tario geral e a proeminencia de lo- tar destacado em um dos mais tra- tes episodios de nossa historia.

O povo, instinctivamente, com a sua maravilhosa e indetectivel ca- pacidade de verdade, para logo con- prehendiu que precisava se deter- ante o corpo mutilado do bravo mi- litarano porque se tratava do casti- ver de um desses heroes obscuros a- quos, nem por o serem, deixam de merecer as homenagens de seus con- cidados.

Nos dias amargos da segunda guerra de outubro, choveram nes- ta capital os mais desventurados e calamitosos acontecimentos, e com as emergencias de toda a barafan- ta com os vicios de intetica viran- ta e despojos de qualquer incerto. A- to nunca qualquer teve a cor- or da vida, absolutamente, sob a braçura de todas as partes, e a- too da liberdade e da granda- a- amento feito pelo commandante, ainda e sempre pro- nado pelo Parana.

A figura gigantesca de Joao Gu- alberto, na descriçao do tracio acontecimento, occupava, dominan- te, todo o primeiro plano, mas, an- perto, se destacava o perfil desse lu- terior, que succumbiu dando a- sua edificante licao de como um homem de brto sabe cumprir o seu dever.

Cabosse aqui ou mais longe, o facto, e nao ha nem pode haver con- trovercia a respeito, e que o sargen- to Virgilio da Rosa foi dos que re- utram a pe. hmo, combatendo, al- lado do intrepido Joao Gualberto e batendo-se tambem com inextinguivel heroismo. Executou a vontade expro- ra nesta frase que merece ficar gra- vada: "vou morrer com o meu com- mandante."

E morreu, antes porem abateu a causa de toda aquella lamentavel guerra.

Virgilio foi da carabina certa e a bala que matou o monje e nome- base Maria.

Natural de Palmas, o sargento Virgilio ali servira certa e seg. et- que o monje fora recolhido a

a todos os seus camaradas uma pro- va de admiravel destreza, con- quistando a reverencia de todo o Parana.

O governo estadual, compensan- do-lhe o heroismo, promoveo-o ao posto de alferes por actus de distincta bravura, assignando, assim, patrioti- camente, a sua e os seus filho- nhos, do digno militar.

Nao seria demais que, em orden- do da frente, onde nao raro sao olvidados os bons servicos, se fizesse constar na integra a brilha- te acção que o sargento Virgilio pra- tizou em Irany.

Era pai de cinco o sargento Joa- quim Virgilio da Rosa, nascido em Palmas, em 1876, filho de Virgilio de Lemos. Era de cor morena cla- ra, aciltoe, cabellos e pequeno buzo de preos olhos castanhos, al- tura mediana.

On sua assignamento ao Regi- mento de 1900 foi promovido ao posto de segundo sargento. Em 1901, a 25 de junho teve baixa do servico por ter concluido a sua pri- meira praça. A 3 de julho engajou- se para servir por mais tres annos ficando rebalsado do posto que occupava por falta de vaga. Em 1902, janeiro a 15 seguiu com o Regi- mento para as margens do Rio Pre- to, conquistando dois honrosos por- tal servico, mais a 28 seguiu des- tachado para a Foz do Iguaçu. Ju- lho a 12 foi graduado no posto de segundo sargento, por conveniencia do servico. Em 1904, julho, a cinco engajou-se por mais tres annos. Em 1907, julho a 5 foi transferido de destacamento do Iguaçu para o de Guarapuava. Em 1908, Jan- ro a 7 foi promovido ao seu pos- to. A 5 de julho de 1909, com um galão de mais tres annos de ser- vicio, constam dois honrosos por- tal servimentos de 1909. Mais o- rorilhem ao o de sua carreira.

Em 1909, julho a 10 foi promovido ao posto de segundo sargento. Em 1901, a 25 de junho teve baixa do servico por ter concluido a sua primeira praça. A 3 de julho engajou- se para servir por mais tres annos ficando rebalsado do posto que occupava por falta de vaga. Em 1902, janeiro a 15 seguiu com o Regi- mento para as margens do Rio Pre- to, conquistando dois honrosos por- tal servico, mais a 28 seguiu des- tachado para a Foz do Iguaçu. Ju- lho a 12 foi graduado no posto de segundo sargento, por conveniencia do servico. Em 1904, julho, a cinco engajou-se por mais tres annos. Em 1907, julho a 5 foi transferido de destacamento do Iguaçu para o de Guarapuava. Em 1908, Jan- ro a 7 foi promovido ao seu pos- to. A 5 de julho de 1909, com um galão de mais tres annos de ser- vicio, constam dois honrosos por- tal servimentos de 1909. Mais o- rorilhem ao o de sua carreira.

Eu
recet
em 7
duo
mort
Joao

Va
ultu
ssim
nari
melo
O
me
raoli
bala
E
O
car
car
cero
p
pau
valli
O
tas
sofi
N
vaki
do
nao
nem
E
o la
E
pren
Te
mili
cere
ent
mon
cent
O
de r
te r
M13
lira

No
gaba
valli
tes
vodi
e u
lana
cia
oico
L
to
to
o
o
o

Duas unidades do exercito partiram hoje para o sul com destino ao Taquarussú.

OS PORMENORES

O propheta resurge!

Simultaneamente com a noticia de uma sublevação no municipio de Campos Novos e Curitibaanos, no Estado de Santa Catharina, dissemos hontem de o conhecido propheta João Maria havia morrido em lugar incerto do oeste Estado.

As informações que tivemos para dar essa noticia, foram que o «monge» João Maria estivera a cousa de 6 ou 7 mezes no lugar Bateas, municipio de Campo Largo, onde declarou que ia se despedir dos seus adeptos, porque sentia chegada a hora de ir falar com Deus.

E effectivamente João Maria desapareceu, constando no certão do Rio Negro, que havia morrido.

Hoje o nosso serviço telegraphico repetiu a phrase attribuida ao «monge» de que dizera com Deus e que Deus lhe dissera que D. Pedro III fora proclamado imperador do Brazil, acclamado por dois Estados do Norte.

Assim, o propheta resurgiu! Esta regulando com os seus collegas dos tempos biblicos....

O que é Campos Novos.

Campos Novos é uma villa no Estado de Santa Catharina com 60 casas contando o municipio de 1.000 fogos, mais ou menos.

Dista de Curitiba 72 kilometros. São tem estrada que o liguem a nenhum ponto do Estado de que faz parte, e em 1905 uma estatistica official affirmava-se dizer que alguns fazendeiros possuíam carros de bois, um numero de 10 apenas, existindo um só no município.

As forças.

Para subirem o boque de Curitibaanos embarcaram hoje as 3 horas da tarde em trem especial da S. Paulo-Rio Grande os 112. Regimento de Cavalaria e 2 seções da 2.ª Companhia de Metralhadoras, esta commandada pelo tenente Enoch de Lima e aquelle pelo major Pedroira Franco.

Este contingente ira pela estrada de ferro ate a estação do Rio Caçador e d'alli a marcha forçada se dirigirá ao Taquarussú, onde acampam os sediciarios.

Esta localidade dista 10 leguas do Rio Caçador e 5 de Curitibaanos que é segundo dizem, a cidade ameaçada de ataque dos fanaticos que a todo transe querem alli restaurar a monarchia.

Tem esta força por fim, conforme rezam as instrucções expedidas aos commandantes «dissolver de accordo com o governo de S. Catharina um bando de fanaticos que proclamou a monarchia e tenta atacar Curitibaanos».

A ordem de partida das duas unidades foi recebida hontem à tarde pelo sr. general inspector da Região, sendo expedida do Palacio do Catiete pelo sr. ministro da Guerra.

Hoje, desde as 9 horas até o meio dia, esteve o sr. general Alberto de Albuquerque conferenciando com os commandantes mandando-lhes instrucções reservadas.

O embarque.

Realisou-se ás 3 horas da tarde o embarque para Campos Novos da 112.ª Companhia de Cavalaria e da 2.ª Companhia de Metralhadoras.

GAZETA DO PIAUENSE

Recueil, No. 1015 de 15 de Novembro de 1905

TELEPHONE 13

Incursão de

um «bandoleiro»

no governo federal e dos Estados de Santa Catharina e Paraná, empenhados no seu aprisionamento.

que motivou a mobilização da nossa policia

(porta bandeirolas e Sinae do major medico de Lemos, etc)

A multidão

Pro extraordinaria turbulencia dominando toda a gate e seus arredores, a aprisionamento, a ma avida curiosidade de a contida

Por occasião da partida d

Comp.

A incursão de um «bandoleiro»

Notas e Pormenores

A identidade de João Maria

Com a mobilização da nossa força policial, a incursão do já celebre José Maria e do seu bando, veio a ser o assumpto de todas as rodas.

Após as surpresas das primeiras noticias procedentes de Campos Novos e de Curytbanos e do seu reflexo na Capital Federal, o povo passou a achar ridicula a apprehensão dos que ainda viam no movimento do bando errante do conhecido e ingoffensivo maluco, um perigo para a ordem publica nas localidades de quem o alem Rio de Janeiro não se se falando de politica primitiva e de baidas a essas nome que a ignorancia mais concreta o o sertão mais abrupto, virtualmente separain do intromissões nessa ordem de cogitações.

Os factos, porem, foram clareando e o caso do velho monge foi sahindo a pouco e pouca da penumbra, até que se veio a saber não se tratar de João Maria, o asceta voluntario errante ha largos annos nos nossos sertões do sul e do sueste.

Veio a scena, então, um outro falso monge, o desta vez guerreiro, á maneira do Cura Santa Cruz, de larga e afiada espada ameaçadora, surgido no alto das coxilhas sulistas como uma ameaça, á frente da tropilha aguerrida que lhe lio serve de ideias aventureiros. E o espectro alquebrado do mystico João Maria cedou o passo ao José Maria Agostinho, que com o seu barrete de pelle de Jacoatirica e o seu piquete de cavallos brancos, desfilou os mantos da ordem e das instituições...

falso profeta n'aquelles logares, encontra sempre uma geração nova que o conhecia de nome pela tradição oral, e tudo isso favorece a exploração dos falsos João Maria. D'ahi a duvida, em quem conheceu o authentic, que o individuo que anda pelas brenhas do sul e sudoeste pregando contra a Republica, seja o João Maria, pobre e bondoso velho que na sua mocidade jamais sentindo ardor bellico, e devotado sempre áquillo que elle chamava «missão divina», fosse agora se acercar de homens armados, em attitud aggressiva.

Ha 18 annos, mais ou menos, João Maria, o legitimo, esteve nesta capital e desapareceu em seguida. Pessoas que viam-no, guardam delle uma memoria muito viva, e dizem, com certeza, que viu-o aqui e ali, e que o viu curar, e que o viu por vezes, de...

es, uma surrada sobrepassada calças de cor indonida. Rematavam o extravagante traje, na cabeça, uma grande sombrero de palha, e nos pés umas sujas alpercatas.

Inculcava-se o propheta João Maria e como tal foi bem recebido e hospedado, passou á tripa-forra, curou, ou melhor não curou ninguem, recebeu uns cobres e sumio-se ao desconfiar do que havia duvidas quanto á sua identidade. Mas antes de dar as de villa Diogo, confessou que não era o *sanha*, o sim o seu enviado.

Em Janeiro ou Fevereiro ultimo appareceu no Bariguy e veio até ás portas da cidade outro individuo dizendo ser o famoso «monge» do Layd, mas este tinha a interessante particularidade de fallar, com extraordinaria correccão, francez e polaco!

Sujo, hediondo nos seus mullambos, esse outro João Maria, achou o terreno muito...

Dada a attitud hostil dess fanaticos, agora exacerbada com a perseguição que lh movem os governos feder do Paraná e de Santa Cathari está assás alarmada a população sudoeste do Estado, com noticia da approximação bando criminoso, receiando violencias.

A esse respeito recebem hontem, á noite, os telegramas seguintes:

Do Nuxeré (ás 7.10 p. m) Consta que o grupo chetiar José Maria invadiu o Rio Peixe. A população está alarmada em consequencia de a este ponto de facil commucação com o Rio do Peix. Esperamos deante da absoluta falta de garantias una providencia urgente relativamente tão desesperadora situação. Redacção do Nuxeré.

—De Palmas (ás 9.30 p. m. A população, sobresaltada com os varios boatos que aqui correm, talvez exagerando o numero de fanaticos, pediu ha tem medidas preventivas, tendo resolvido armar-se, demorando assim o maior civismo auxiliar a guarnição na defesa dos principaes pontos entrada da cidade.

A mocidade, disposta a reagir contra qualquer assalto, es aquartellada em casa particular utilizando-se de *Combustivos* de munición sobressente e q autorise o destacamento a...



Cura de... THENATOS, TUBERCULOS, ANGIOMAS, VITILIGOS, URTICARIA, ZONA, pelos BANHO DE ALTA FREQUENCIA, com o sem affluvio, pelo Dr. Neves da Rocha. Tratamont dos TUMORES MALIGNOS, como o EPITHELIOMA, O CANCER por meio das applicações com os RAIOS X. Gabinete de Electricidade Medica de Dr. Neves da Rocha, á Aveida Central 40. — RIO DE JANEIRO —

A Congregação do Gymnasio dá seu parecer favoravel á adopção do livro "Pontos e nossa Historia dos professores Souza.

